

FRONTEIRAS E UTOPIAS DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA MATO-GROSSENSE: O HINO DE DOM AQUINO CORRÊA

Prof. Ms. Raimone Fagundes
PPG /Doutorado – Letras
UFPR

RESUMO:

As fronteiras utópicas na construção identitária da literatura mato-grossense, representação que se escora na forma poética de Dom Aquino Corrêa, intitulada *Hino*, estabelece o diálogo constante entre a literatura, a história e a cultura local, imbricando essas fronteiras discursivas para elaborar um conjunto de imagens que constroem um perfil paradisíaco para estas paragens, sendo, sobretudo uma conjectura de o discurso governamental reforçar essa construção de Eldorado. No *Hino*, as imagens de alguns fatos históricos mato-grossense compõem o poema: a presença dos bandeirantes paulistas num limite geográfico que propiciou combates com os índios Paiaguá e Coxiponés e com os paraguaios; a imagem de Eldorado que o Estado adotou desde a descoberta do ouro e que se intensifica com o cultivo agrícola (da erva mate); e as imagens da natureza e do clima. É nessa vertente que se caracteriza a Literatura brasileira, desde as suas primeiras manifestações, a poesia de Dom Aquino Corrêa encontra sustentação para perpassar e ampliar as fronteiras utópicas da construção identitária da literatura local.

PALAVRAS-CHAVE: literatura mato-grossense, fronteiras utópicas, construção identitária, Dom Aquino Corrêa, *Hino*.

ABSTRACT: The utopian boundaries in the construction of identity from Mato Grosso's literature, which anchor representation in poetics forms by Dom Aquino Corrêa, entitled *Hino* provides a constant dialogue between literature, history and local culture, interwoven these discursive boundaries to develop a set of images that build a profile of paradise to these places, and in particular a conjecture of the government discourse reinforce this construction of Eldorado. In *Hino*, the images of some Mato grosso's historical facts composes the poem: the paulist's presence in a geographical boundary that brought about fighting with the indians and the Paraguayans, the image of Eldorado that has adopted by the state's government since the discovery of gold mines that intensifies with the agricultural cultivation (the maté), and the images of nature and climate. It is in this aspect that characterizes the Brazilian literature, from its onset, the poetry by Dom Aquino

Corrêa find support to run through and push the boundaries of utopian literature identity construction site.

KEY WORDS: Mato Grosso's literature, borders utopian, identity construction, Dom Aquino Corrêa, *Hino*.

Francisco de Aquino Corrêa, Dom Aquino Corrêa, é cuiabano nascido em 02/04/1885 e falecido em 22/03/1956. “Mente privilegiada” – palavras de Hilda Magalhães – D. Aquino é o príncipe das letras mato-grossenses: é um dos fundadores da Academia Mato-grossense de Letras, tendo sido seu primeiro presidente, função que desempenhou até seu falecimento; é ainda o primeiro e único mato-grossense membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1926. Foi o Bispo mais jovem do Brasil e Governador da província de Mato Grosso, por ser considerado o apaziguador entre os grupos políticos rivais da época.

Sua obra versa sobre o elogio das terras mato-grossenses, que pode ser constatado desde o seu primeiro livro, **Odes**, de 1917, em **Terra Natal**, 1919 e **Nova et vertera**, s/d, este último é uma coletânea em cinco volumes de toda a sua produção que circula pela exposição dos discursos, poemas e liturgias. Dom Aquino Corrêa constrói a imagem poética da sua cidade natal, brincando com a glória do passado e as esperanças, entre as lembranças e as expectativas de renovadas que sempre fazem parte da inconsciente coletiva da comunidade. Poeta romântico-parnasiano imprime nas letras mato-grossenses, principalmente o uso do soneto e a descrição da beleza local: louva a fartura, a opulência da terra selvagem para a construção da imagem de um Estado preñado de vida natural, descrita para ressaltar os ícones da sociedade cuiabana.

Os escritos de Dom Aquino parecem profundamente voltados para a ligação de fatores sociais e culturais para os quais a crítica dos textos literários tem se voltado, já que nos seus poemas há sempre a intenção da leitura realizada num movimento em espiral que alcança várias esferas que influenciam e fazem parte dos estudos literários: recobrando as imagens do passado e projetando para um futuro mitificável/ mitificado a projeção do esplendor, do eldorado já instalado na literatura brasileira desde a Carta de Caminha, em que a riqueza e a pujança natural caracterizavam a terra nova, recém descoberta e que se tornaria fonte de riquezas para a coroa portuguesa.

E, no seu conturbado contexto social e político, sobretudo, repleto de transformações que procura refletir a emancipação dessas questões científicas e modernas a partir das suas observações sobre a evolução histórica da arte – que o induz a reflexão sobre a literatura e a sociedade que se dobram a tecnologia, e que será influenciado também por questões vinculadas aos seus princípios religiosos. Se por um lado essa modernidade traz consigo certa dificuldade de narrar, por outro lado, ela traz a memória dos relatos de viagens e a “inspiração” ancorada na tradição perpassada pela oralidade, presenças constantes na produção literária local.

O texto que proponho para a análise é um poema que está inscrito nas páginas 37-38 de **Terra Natal. Poética**. Vol. I, tomo II, um dos livros de poemas de D. Aquino Corrêa, publicado em 1919, em homenagem ao bicentenário de Cuiabá. Utilizo para citação dos versos do *Hino*, a edição de 1985, que compila a produção do escritor mato-grossense. Este poema, através do decreto número 208, de cinco de setembro de 1983 torna-se oficialmente o *Hino do Estado de Mato Grosso*.

Grosso modo, neste livro de versos a pretensão de D. Aquino é cantar o Estado e, neste sentido, dedica-lhe esta obra em que apresenta a majestade, a imponência e a beleza das matas, do pantanal e das grandes águas dos rios, recuperando as imagens de louvor, da paisagem, das referências históricas e da economia mato-grossense. Alguns dados são recuperados pelo poeta para a construção do *Hino*, a saber, a fundação do estado de Mato Grosso devido a ação das “bandeiras” paulistas que excursionaram pelo interior do país em busca de índios para o trabalho escravo.

Segundo o discurso histórico de Mato Grosso, a primeira expedição – chefiada pelo sertanista Antônio Pires de Campos, em mil setecentos e dezoito – chegou à confluência dos rios Coxipó e Cuiabá aprisionando e destruindo o aldeamento dos índios Coxiponés (uma das tribos da região), seguindo logo em retorno a São Paulo. No percurso de regresso fundaram um acampamento às margens do Rio Cuiabá denominado Bananal cuja finalidade era o cultivo de roças para o abastecimento das comitivas que se seguiriam. Nesse momento, já estava no percurso do Rio Cuiabá outra “bandeira”, liderada por Pascoal Moreira Cabral, a quem foi indicado o local para a captura dos índios. Moreira encontrou resistência dos Coxiponés que o repeliu rio abaixo. Durante a retirada, os bandeirantes encontraram nas barrancas dos rios, granetes de ouro em tamanha quantidade que desistiram de prear os índios e passaram a se dedicar ao garimpo aurífero. Pascoal Moreira Cabral funda às margens do rio o “Arraial da Forquilha” em oito de abril de mil setecentos e dezenove, primeiro nome da cidade que foi depois batizada, oficialmente, de Arraial de Bom Jesus de Cuiabá. Um ano depois da primeira expedição no estado, Pascoal Moreira Cabral lavrou a ata de fundação do povoado iniciando, desta maneira, a história de Mato Grosso pela fundação de Cuiabá. Essa referência histórica pode ser percebida pela alusão realizada nos últimos versos da primeira estrofe:

Eis a terra das minas faiscantes,
Eldorado como outros não há,
Que o valor de imortais Bandeirantes,
Conquistou o feroz Paiaguá!

(CORREA, 1985, p. 38)

Aparece, então, explicitamente, a relação entre a literatura e a História; e neste propósito, “(...) que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto, interno.” (CANDIDO, 1967, p. 4) Obviamente a literatura constrói algumas representações a partir daquelas existentes no imaginário popular e que tem sua origem nas situações históricas e sociais

perpassadas através da memória, da tradição. É necessária, entretanto, uma justa mediação entre a estrutura das obras literárias e as fontes históricas que amparam a criação artística, para que haja um texto “convincente”.

No caso do *Hino*, bastante curioso é o fato de que o poeta recupera apenas os dados que corroboram a sua visão regional harmônica, causando bastante preocupação a postura ideológica que o poema propaga: o Estado é descrito como um colosso, onde os bravos vivem num paraíso natural. Seus versos transmitem uma tentativa de glorificação excessiva transferida para a exposição da natureza, que recupera a localização geográfica, suas belezas naturais, transformadas em riquezas, ainda a propensão agrícola e pecuária. Não há indícios de nada que não seja essa convivência harmônica, perpassada numa letra ufanista e laudatória que corrobora a imagem da perfeição mato-grossense.

Limitando, qual novo colosso,
 O ocidente do imenso Brasil,
 Eis aqui, sempre em flor, Mato Grosso,
 Nosso berço glorioso e gentil!
 (...)
 Terra noiva do sol! Linda terra!
 A quem lá, do teu céu todo azul,
 Beija, ardente, o astro louro, na serra,
 E abençoa o Cruzeiro do Sul!
 No teu verde planalto escampado,
 E nos teus pantanais como o mar,
 Vive, solto, aos milhões, o teu gado,
 Em mimosas pastagens sem par!

(CORREA, 1985, p. 37)

É nela, na natureza, que estão retratados os valores estaduais. E, ao falar dela, o poeta parece ressaltar os valores humanos colocando-os mesmo patamar de equivalência; tanto que há a recorrência à natureza em grande parte dos versos, enquanto o homem (bandeirantes e índios), na sua letra, aparece em alguns poucos versos (por exemplo, “Que sonhara Moreira Cabral!”/ “E da fauna e da flora o índio goza”/“Dos teus bravos a glória se expande” (CORREA, 1985, p. 37)).

No *Hino*, de acordo com o que defende Benjamin, instaura-se um presente que é decorrente de um passado. Um passado que não é a construção de um *depósito de ruínas* (como representação

alegórica de negatividade), mas como um passado situado cronologicamente pela História, que na criação literária é transcrito num presente “homogêneo e vazio”, como um presente sempre contínuo - prenhe de um futuro que se estabeleça enquanto continuidade, enquanto preservação, numa imobilidade temporal que assegura o encantamento temporal em passado-presente/presente/futuro-presente. O que parece ser o propósito do eu lírico é a permanência deste estado glorioso. Sob este aspecto temporal, feitas as ressalvas, é válida a colocação de Jeanne Marie Gagnebin, para quem

(...) a história que se lembra do passado também é escrita no presente e para o presente. Neste espaço temporal da utopia, a intensidade dessa volta/renovação quebra a continuidade da cronologia tranqüila, imobiliza seu fluxo infinito, instaura o instante e a instância da salvação. (GAGNEBIN, 1994, p. 112)

Existe, na última estrofe, a jura que abre portas ao futuro, mas este futuro é pré-estabelecido e deve tão-somente confirmar o estado de coisa que já existe.

Ouve, pois, nossas juras solenes
De fazermos em paz e união,
Teu progresso imortal como a fênix,
Que ainda timbra o teu nobre brasão!

(CORREA, 1985, 38)

Este falso presente apresentado pelo *Hino* só não trabalha com a idéia de renovação e salvação; trata sobremaneira de conservar intacto o ideário da tradição local – já que nele a cronologia é a do instante perpétuo; não reconstrói, só perpetua. O eu lírico, como o historicista, apresenta a imagem eterna do passado fazendo dele uma experiência única que deve ser sempre repetida. “História e temporalidade não são, portanto, negadas, mas se encontram, por assim dizer, concentradas no objeto, e não extensiva do objeto no tempo, colocado como por acidente num desenrolar histórico heterogêneo à sua constituição.” (GAGNEBIN, 1994, p.13)

Sob este aspecto, o *Hino* se situa ao lado da História quando comemora os feitos dos vencedores: oficialmente as obras que relatam a história do Estado descrevem-na de maneira a engrandecer a imagem dos bandeirantes e das suas próprias riquezas naturais, reforçando as idéias perpassadas pelo Governo Estadual na década de 70, quando foram dados incentivos fiscais para aqueles que se propusessem a fixar residência no norte do estado, até então praticamente despovoado. Com a visão primeira, histórica, em que a terra mato-grossense constitui-se como o Eldorado, promotora de riquezas e de prosperidade, ou, como bem canta o poema:

Eis a terra das minas faiscantes,
 Eldorado como outros não há.
 Que o valor de imortais Bandeirantes,
 Conquistou o feroz Paiaguá!

Salve, terra de amor, terra de ouro,
 Que sonhara Moreira Cabral!
 Chova o Céu dos teus dons o tesouro
 Sobre ti, bela terra natal!

(CORREA, 1985, 38)

Como já foi referido, há na letra do *Hino* um resgate de um fato histórico e social marcante para a cuiabania: a sua formação étnica como consequência do seu processo de fundação e a sua localização geográfica com a discriminação das belezas naturais locais. Essas referências são o suporte de sua expressão, e convergem para a construção da imagem de nação: o ideário de nacionalidade é restrito a uma das unidades da Federação, o Estado merece a equivalência no tratamento como ao da Pátria.

Se não há, na sua letra, a estruturação paradoxal de rememoração criadora, transformadora, portanto, não há a possibilidade de uma leitura ao revés da história, como propõe Benjamin, na medida em que ele não oferece as frestas no seu *corpus* para outro ponto de vista que não seja o estabelecido nele, ou seja, a construção de uma imagem de um Estado absolutamente glorioso. Nele não há indício ou sugestão de desarmonia, crise, confrontos ideológicos, políticos ou sociais. Sobretudo, a representação de sua imagem é paradisíaca. (Essa leitura ao revés da história só é possível por conta e risco do leitor, que se disponha numa impressão de leitura baseada em informações do contexto histórico contrapor ao texto poético a ausência delas.) Nesse sentido, o canto permanece na mesma via histórica utilizando o mesmo discurso de repetição da glória histórica, portanto, através da letra é impossível fazer uma leitura na contramão da História.

O relato manifesta uma organização de dados específicos, confirmando uma expressão lírica das ocorrências históricas restauradas através da utilização do tom poético, cuja enunciação partilha do mesmo ângulo de visão de um historiador tradicional.

Como exercício de análise segundo em alguns pontos propostos pelas *Teses sobre o conceito de História*, de Benjamin, a leitura interpretativa se mostra bastante conflitante, pois tanto confirma alguns dos pressupostos como nega outros. Nele o passado é construído mais como um monumento do que como ruína. É essa visão benfazeja que deve ser mantida e consumada no futuro. O passado-monumento é restaurado e perpetuado na transcrição enquanto situação presente. Este passado

instaurado através do *Hino* imobiliza e retém a idéia de salvação, ao contrário do que afirma o crítico, (“o passado arrasta consigo um índice secreto que remete a salvação”, (BENJAMIN, 1994, p. 154)), porque a idéia de felicidade nele já está consumada, ele não é promessa futura; ele não deve ser resgatado, ele é algo que deve ser perpetuado.

Feitas essas colocações sobre o *Hino*, (em que a teoria benjaminiana aparece apenas em alusões muito distanciadas em alguns conceitos como: contra-mão da história, passado-monumento, depósito de ruínas) surge um questionamento óbvio: quais são as postulações benjaminianas, de acordo com este ensaio específico? O texto de Walter Benjamin, sobretudo nas *Teses sobre o conceito de História*, é desenvolvido de forma muito particular: como uma colcha na qual se costura várias pontas de muitos tecidos. O “problema” maior é que são trechos muito curtos que mais propagam as perguntas do leitor que a oferta de respostas imediatas. Nelas, ele propõe uma relação estreita entre a história, a modernidade, o progresso e o materialismo. Aponta ainda que o texto literário possui na sua forma a possibilidade de ser também considerado como documento histórico: desde que há história, há fratura, desordem, silêncios e vários ângulos de narração; embora, oficialmente prevaleça a visão dos vencedores. Entretanto, existe uma outra face da história, onde se inscreve a recuperação da história dos vencidos calcada na opção do eixo de conduta da narrativa poética. Estes ângulos podem proporcionar uma multiplicidade de camadas ocultas do texto que opta por determinados estilhaços da cronologia.

Ora, se os textos partem de um lugar de enunciação, pode-se acreditar que numa dessas camadas a idéia expressa a necessidade de uma leitura enviesada, observando a contramão da História. A História é caracterizada como um depósito de ruínas; é detentora da idéia de salvação, construída enquanto um monumento. Segundo os argumentos de Flávio Kothe, a concepção benjaminiana atenta para as “(...) afinidades entre a constelação literária e social do presente e do passado. Procura decifrar uma época na obra de um autor, a obra toda de um autor e uma obra dele e esta obra em um dos textos que a constituía.” (KOTHE, 1976., p. 109)

Parece ser bastante relevante a preocupação com a temporalidade, em que caracteriza um tempo histórico apreendido em termos de intensidade – bastante diferente dos termos cronológicos – como uma transição entre o eterno e o efêmero; porque Benjamin exige da arte uma denúncia mais completa de seu tempo. Essa denúncia não deve ser entendida, porém, no sentido de ser uma aberração panfletária, mas como atitude de consciência que acompanha o desenvolvimento cultural.

Benjamin especula sobre a dimensão da origem, sobre a consciência das raízes históricas da arte, e em certa medida, se mostra contra a concepção *linear* do progresso. Para ser lido sob a luz das *Teses sobre o conceito de História* o texto literário precisa estabelecer alguns indícios que revelem um caminho semelhante ao do ensaio crítico. Assim, se a tese propõe uma observação desses silêncios históricos, o poema deve, ao menos, indicar uma idéia do confronto entre as

camadas da história e da narrativa. É preciso que ele permita uma leitura “engajada” – no melhor sentido da palavra: que seja pelo menos preocupado com as questões culturais. Não sei até que ponto é cabível, mas a proposta que faço neste ensaio é de que, como Benjamin realiza postulações críticas baseadas na história cultural, essas suas colocações só se tornam aplicáveis aos textos literários que seguem esse aspecto na sua construção: por meio de um texto que questione e seja capaz de refletir as circunstâncias “sociais e historicistas” é que podem ser observadas com mais adequação a proposta deste teórico.

O *Hino* instaura-se numa construção da imagem harmônica de Mato Grosso que não deve ser contestada; não atravessa a fronteira da camada relatada oficialmente pela história local, portanto, não pretende questionar o andamento comprometido com outra realidade que porventura possa estar nas ruínas dessa perfeição. Há nele um ideário de nacionalidade bastante consolidado na literatura brasileira desde o romantismo: o conceito de nação é descrito numa relação harmônica do país com suas belezas naturais paradisíacas e com o índio – bravo e forte representante desse ícone da nacionalidade, que se propaga, por exemplo, na produção de Gonçalves Dias, que ecoa aos ouvidos ao serem tratado o tema das representações de brasilidade, de identidade nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. in: ____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222 – 232.

_____ *O Narrador.* Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. in: ____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197 – 121

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 2.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967.

CONETTI, Pe. Pedro. **Dom Aquino Corrêa. Arcebispo de Cuiabá – vida e obra.** Cuiabá: AML, 1994.

CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. **Poética. Terra Natal.** Vol. I, tomo II. Brasília: s/e, 1985.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em W. Benjamin.** São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 1994.

KOTHE, Flávio. **Para ler Benjamin.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso: século XX.** Cuiabá: Unicen, 2001

MENDONÇA, Rubens de. **História da literatura mato-grossense.** Goiânia: Ed. Rio Bonito, 1970

MERQUIOR, José Guilherme. *Parte II: Walter Benjamin.* in: ____ **A arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

PÓVOAS, Lenine de Campos. **História da cultura mato-grossense.** 2.ed. Cuiabá: s/e,s/d

____ **Síntese de História de Mato Grosso.** 2.ed. Cuiabá: AML, s/d